

# **METAPOESIA NÃO VERBAL: UM OLHAR FOTOGRÁFICO SOBRE A DANÇA**

Coraci Bartman Ruiz

O caminho que me levou à convergência entre a fotografia e a dança começa bem lá atrás. A fotografia está comigo desde sempre, coisa de infância, de quem tem pai cineasta. A dança foi uma paixão de adolescência, que me levou ao Departamento de Artes Corporais da Unicamp. Naturalmente, durante a faculdade surgiu a vontade de misturar as coisas, e aos poucos comecei a fotografar as coreografias dos alunos do curso. Esta pesquisa surgiu quando o aprofundamento desse trabalho se fez necessário e urgente.

Então o projeto "Metapoesia não verbal: um olhar fotográfico sobre a dança" vem como uma possibilidade de criação de um olhar que se constrói principalmente no diálogo entre as duas linguagens - dança e fotografia.

A base teórica para o estabelecimento desse diálogo foi o conceito do punctum, elaborado por Roland Barthes no livro "A câmara clara", 1980. O punctum forma, juntamente com o studium, a dualidade que norteia o interesse pela foto, para o autor. O studium é um interesse guiado pela consciência, "é da ordem do to like e não do to love" (Barthes:1980:48); já o punctum é um interesse que se impõe a quem olha a foto, que provoca uma ferida ou uma picada, que faz com que não haja controle sobre as pulsões emocionais.

O punctum interessa justamente porque é a própria subjetividade do leitor: ele é pessoal e intransferível, cada um enxergará o seu. E porque realmente atinge, ele faz a foto viver no interior de quem a observa. Confere ao spectator (observador) uma voz, a oportunidade de colocar sua opinião, "(...) é aquilo que eu acrescento à foto e que, no entanto, já está lá" (Barthes:1980:32).

A elaboração de um olhar fotográfico sobre a dança que se estabelece numa reciprocidade criativa, na qual a dança não esteja numa posição passiva de modelo ou inspiração para a fotografia, pode ser enriquecida então com o diálogo com os dançarinos, baseado no que é o punctum para cada um deles.

Pois, diferentemente de um referente que diz algo somente por essa sua condição sígnica, a dança tem uma intencionalidade independentemente de se tornar referente fotográfico.

Para que fosse possível esse aprofundamento, no decorrer da pesquisa resolvi trabalhar com apenas um grupo, diferentemente do que ocorria no início, quando várias coreografias eram fotografadas. Escolhi-o por afinidade, e passei a freqüentar os ensaios semanalmente: cada vez levava fotos já feitas para discutir e fazia novas, pois assim podia aproveitar as conversas para a elaboração dos fotos seguintes, com a intenção de que o encontro com o que fosse considerado punctum pelos seus integrantes reagisse e interferisse diretamente no meu olhar fotográfico, a partir da própria vivência corporal e das subjetividades decorrentes desse encontro.

Nas conversas, muitas vezes me surpreendi. Quais das imagens mais os tocariam era, para mim, uma incógnita. O que um fotógrafo geralmente valoriza numa foto, elementos como composição e luz, não estava entre as preocupações deles. O que importava era a figura humana, o momento e a expressão que a foto conseguia captar. Quando pedia para que falassem sobre as fotos, o que aparecia eram principalmente sensações e imagens (cenas) associadas. Numa das conversas, uma dançarina disse: "Esta foto é interessante, eu gosto... parece que, olhando para ela, eu tenho a mesma sensação de quando executo esse movimento". Traduzir as sensações tornou-se importante para mim. Um dia levei umas fotos de determinado trecho da coreografia que internamente chamávamos "introdução". Estava incomodada pois o cenário a céu aberto que havíamos escolhido era cheio de coisas, e as fotos ficaram, a meu ver, poluídas. Mostrando para as meninas, elas adoraram. Quando falei da minha impressão, retrucaram: "Mas a Introdução é toda over, o fundo poluído ressalta isso, essas fotos têm tudo a ver!".

Assim, a busca de uma intimidade entre as duas linguagens foi se dando com o tempo, aprofundando-se aos poucos. As conversas com as dançarinas foram norteando as minhas escolhas de momentos, velocidades, ângulos, enquadramentos e luz, ou seja, quando valorizaria um rastro de movimento,

quando uma expressão facial exata era mais valiosa, quando um retrato dizia muito, quando um plano aberto era mais interessante.

Neste grupo de imagens apresento uma seleção das fotos feitas ao longo do processo, divididas em temas elaborados por mim, que não correspondem à estrutura das coreografias fotografadas mas sim à minha visão sobre ela.

## Galeria











